

**SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DOS MÉTODOS DE  
ALFABETIZAÇÃO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

**Sueila Vanzeli Santos**

Itapeva – São Paulo – Brasil

2014

**SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA FACULDADE  
DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DOS MÉTODOS DE  
ALFABETIZAÇÃO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

**Sueila Vanzeli Santos**

**Orientador: Prof<sup>a</sup> Esp. Maria de Fátima Proença de Souza**

“Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva como parte das obrigações para obtenção da Licenciatura em Pedagogia”.

Dezembro/2014  
Itapeva - São Paulo

“A verdade é que não há nada de digno em ser superior a outra pessoa. A única nobreza genuína é ser superior a si mesmo”.

Whitney M. Young Jr.

Dedico este trabalho à minha mãe, esposo e filha por terem me ajudado a concluir mais esta jornada, pelos incentivos transmitidos, pelos esforços prestados, e agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de lutar por um futuro melhor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permite estar presente e compartilhar nesta vida dos ensinamentos que ela me proporciona, para crescer nas esferas da evolução humana.

Agradeço à minha mãe Lucia, por me ouvir durante os momentos de fragilidade. Por ser meu alicerce.

Minha filha Julia, por todo apoio e carinho que me fortalece a cada dia.

Minha irmã Suelen, que esteve comigo durante essa jornada.

Meu esposo Daniley, pela paciência e carinho estando presente em meu dia a dia, sendo suporte emocional e acreditando em meu progresso.

Agradeço ao meu pai Orlando, que mesmo indiretamente participa de todas as minhas conquistas.

Aos colegas de sala envolvidos nos trabalhos em grupos, especialmente Camila e Ticiane, que estiveram presentes em momentos difíceis e ao mesmo tempo de diversão e aprendizado.

A todos os professores da faculdade, que durante esse período contribuíram com sua experiência e conhecimento.

Agradeço a toda equipe da escola Raphael Fabri Netto, onde pude estagiar durante quase dois anos, estando presente na realidade educacional e que muito me agregou na vida acadêmica, profissional e pessoal.

Agradeço à minha orientadora, Maria de Fátima Proença de Souza, que com sua experiência me despertou para questionamentos que muito contribuíram para o meu crescimento intelectual. Sei que estou apenas começando minhas descobertas, mas com a certeza de que serão fundamentais para o meu desenvolvimento.

A todas as pessoas que de um modo ou outro colaboraram e torceram pela minha vitória.

Muito obrigada!

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	9
2. SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA.....	11
2.1. Alfabetização e Letramento .....	13
2.2. O que é Consciência Fonológica?.....	14
2.2.1 Trabalho com Gêneros Oraís: Práticas de Oralidade .....	20
2.3. O Lúdico na Construção do Sistema de Escrita Alfabética.....	23
3. MATERIAL E MÉTODOS .....	31
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
6. REFERÊNCIAS:.....	35
7. APÊNDICE .....	37

## **SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

**RESUMO** – O trabalho de pesquisa sobre a contribuição do desenvolvimento da Consciência Fonológica para o processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética iniciou-se com a preocupação de compreender a relevância da temática para melhor entender a atual realidade da educação e dos professores alfabetizadores. Seu desenvolvimento não é fator condicionante, nem mesmo suficiente para que a criança seja alfabetizada, mas sua evolução faz a diferença à medida que o aluno tem oportunidades de refletir sobre a construção das palavras. O termo vem sendo discutido há várias décadas, mas ganhou relevância a partir dos estudos realizados a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). A ideia foi de provocar questionamentos que levassem a reflexão e compreensão de como se dá o processo de aprendizagem uma vez que a alfabetização na perspectiva do letramento faz toda a diferença na formação de todo cidadão. Portanto o professor deve saber a papel e o objetivo de cada atividade proposta.

**Palavras-Chave:** Alfabetização e Letramento, Fonológica, Ludicidade

## **SYSTEM OF LETTER WRITING: METHODS OF LITERACY AWARENESS PHONOLOGICAL**

**ABSTRACT** - The research on the contribution of the development of phonological awareness in the process of learning an alphabetic writing system began with the concern to understand the relevance of the topic to better understand the current situation of education and literacy teachers. Its development is not determinant, not even enough for a child to be literate, but their evolution makes the difference as the student has opportunities to reflect on the construction of the words. The term has been discussed for decades, but gained importance with the studies from the National Pact for Literacy at Age One. The idea was provoking questions that would lead to reflection and understanding how the process of learning literacy since literacy in perspective is makes all the difference in the formation of every citizen. Therefore the teacher must know the role and purpose of each proposed activity.

**Keywords:** Literacy and Literacy, Phonological, Playfulness.



## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como finalidade buscar nas bibliografias existentes, teorias referentes ao tema, a fim de refletir sobre o conceito de Consciência Fonológica, bem como sua aplicação ao processo de aquisição de leitura e escrita das crianças, com a necessidade de se repensar as práticas pedagógicas. Nesse propósito, reconhecer como as crianças adquirem o sistema de escrita alfabética e intervir adequadamente é fundamental à aprendizagem.

O interesse pelo tema surgiu a partir do estágio realizado em uma Escola Municipal, nos anos finais do Ensino Fundamental, onde foi possível constatar um contingente de alunos não alfabetizados ou com extrema dificuldade na leitura e escrita, dificultando todo o processo de escolarização.

Ao abordar o assunto a respeito de alfabetização, é necessário deixar claro que se trata de uma complexidade de fatores que o envolvem. Logo, a pretensão é refletir sobre algumas práticas docentes utilizadas anteriormente e que não faz sentido nos dias atuais, mas promover uma aprendizagem mais significativa em que as crianças possam refletir sobre sua própria construção de aprendizagem.

O primeiro subcapítulo busca analisar os modelos tradicionais de alfabetização que foram utilizados até meados da década de 1980, baseando-se nos autores: Mortatti (2006); Mendonça (2011); e Brasil (2012) e a contribuição dos estudos sobre a Psicogênese da Língua Escrita trazidos ao Brasil por Ferreiro; Teberosky (1984).

Na primeira subdivisão, trata-se do novo conceito de alfabetização e a inserção do Letramento. A reinvenção da alfabetização, uma vez que alfabetizar na perspectiva do Letramento é o resultado da capacidade de ler e escrever em práticas sociais abordados por Soares (2005) e documentos do Ministério da Educação (2012).

Na segunda subdivisão, trata-se do conceito de Consciência Fonológica e sua contribuição para o processo de alfabetização. Assunto que vem sendo estudado há várias décadas, mas ganhou vigor após o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Percebe-se que há uma grande relevância em trazer uma

reflexão sobre práticas atuais docentes a fim de compreender a autenticidade entre o oral e o escrito. Autores como Sim-Sim (2008); Maciel (2009); Leal (2009) Moraes (2012); Zorzi (2012); Ferreira (2013) entre outros, tratam do tema com propriedade.

Entende-se que a forma com que o professor fala com seus alunos, sobretudo de forma clara e objetiva, refletirá diretamente na aprendizagem. Na terceira subdivisão, serão abordadas algumas sugestões de atividades de tradição cultural, pois o trabalho com rimas possibilita que a criança reflita a respeito das palavras e suas unidades fonológicas ao mesmo tempo ampliam práticas de oralidade.

E por fim e não menos importante, o segundo subcapítulo traz o conceito do lúdico e sua importância nos pontos de vista, físico, cognitivo e social do ser humano e apresenta alguns exemplos de jogos disponibilizados pelo Ministério da Educação a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) diretamente atrelados as habilidades de Consciência Fonológica e como sua exploração pode contribuir para a aprendizagem da leitura e escrita de forma lúdica e prazerosa.

## **2. SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO À CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA**

De acordo com Mendonça (2011) a história da alfabetização está dividida em quatro períodos. O primeiro iniciou na Antiguidade e estendeu-se até a Idade Média. Nessa época, o único método era o de soletração, também chamado de alfabético. Esse processo era lento e complexo, pois primeiramente as crianças tinham que decorar as 24 letras do alfabeto grego para então aprender sua forma gráfica, memorizando maiúsculas e minúsculas, associando às formas. Iniciava-se pelas sílabas simples. O segundo período, entre os séculos XVI e XVIII, foi marcado pela refutação ao método da soletração, criavam-se novos métodos, os sintéticos e os analíticos.

Após a Proclamação da República, 1889 houve a preocupação de universalizar a escola, pautado necessariamente para a preparação de uma nova geração. O cidadão letrado era à base do regime republicano. Nessa nova concepção, diferentemente das escolas régias, dava-se início aos novos modelos de ensinar. A necessidade era de combater o ensino tradicional e os novos métodos tiveram início especialmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro se estendendo aos outros estados. Até meados da década de 1980 as práticas de alfabetização eram baseadas nos métodos analítico, sintético ou analítico-sintético, também chamado de misto. Os métodos eram distintos causando discussão sobre qual a maneira mais eficaz para o aluno aprender o código alfabético (MORTATTI, 2006).

De acordo com os estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC Brasil (2012) os métodos referiam-se à unidade da língua que tinha como função o ensino da leitura e escrita, no qual o método sintético partia-se de letras, fonemas, sílabas para formação de palavras. O método analítico partia-se do todo, inserindo uma palavra ou pequeno texto, até se esgotar todas as possibilidades de formação de sílabas e ainda com a mistura dos dois – denominado de misto. Nesses métodos o conceito do ler e escrever eram a decodificação e codificação. Nessa visão, os alunos iniciavam um processo de aprendizagem sem

conhecimento algum.

Conforme Brasil (2012) um suporte muito usado por professores eram as cartilhas. E para ler e escrever era necessário que as crianças apresentassem uma prontidão, ou seja, que tivessem desenvolvidas as habilidades perceptivas e motoras. Os alunos eram submetidos a exercícios de coordenação motora e discriminação auditiva e visual. Faziam cansáveis exercícios de repetição como identificar letras bem como aprender traçar cada uma delas. Depois de tais habilidades adquiridas começavam a aprender especialmente por meio de memorização de letras, sílabas simples, palavras e por fim textos cartilhados.

As cartilhas foram usadas durante décadas e por diversas vezes mudavam, mas os métodos continuavam os mesmos. Certamente que os alunos não tomavam sentido do que estavam aprendendo, ou melhor, reproduzindo (BRASIL, 2012).

Com o enriquecimento do conceito de alfabetização, observou-se que tais metodologias eram insuficientes para atender as requisições da sociedade. Embora com a democratização do ensino na década de 1980, os índices de analfabetismo continuavam preocupantes (SOARES, 2011; MENDONÇA, 2011).

O terceiro período foi marcado pela Psicogênese da Língua Escrita, com os trabalhos de Ferreiro e Teberosky (1984) que tiveram grandes influências acerca de novas práticas de alfabetização, evidenciando que a aquisição da escrita alfabética não era a partir de repetição e memorização, mas que os alunos precisariam entender como esse sistema funciona. Para tanto deveriam compreender que a escrita é um sistema notacional, ou seja, a grafia representa os sons das partes das palavras e que acontece quando se examinam os segmentos sonoros - os fonemas. (BRASIL, 2012).

Segundo Mendonça (2011) o quarto e atual período foram marcados pela reinvenção da alfabetização. Denominado de Letramento, o que Soares (2005) explica que demanda de uma organização do trabalho do professor e a sistematização do ensino para alfabetizar a partir de situações reais e cotidianas do aluno.

## 2.1. Alfabetização e Letramento

Atualmente o conceito de alfabetização não se destina mais ao mecanismo de ler e escrever. No processo de alfabetizar vem inserido o trabalho com o Letramento. Tema já muito debatido que ganhou mais força no Brasil na década 1990, com a inserção do que seria realmente alfabetizar, buscando o resgate das relações entre o homem e as possibilidades de adaptação a diferentes situações de vivência e convivência no universo (BRASIL, 2012).

Ao falar do tema, não se pode esquecer que os educandos são indivíduos com experiências e vivências distintas. O fato de “não saberem ler” não significa que desconhecem a linguagem escrita. A sociedade atual é rodeada de informações, as quais são experimentadas todos os dias. Mesmo sem estar inserida no mundo da leitura, a criança consegue identificar nas embalagens de produtos, seu doce ou brinquedo favorito. Tudo através das imagens, sendo assim, é possível afirmar que ela já vive a experiência das letras. O surgimento de letramento:

“... pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização” (SOARES, 2011; p. 96).

Para a autora (2005; 2011) Letramento resulta no significado de usar as práticas de leitura e escrita na sociedade cujo estado se adquire quando o indivíduo apropria-se da língua escrita e seja capaz de fazer uso das mesmas nos mais diferentes contextos e situações, seja ela informal ou formal. Para isso é necessária à aprendizagem do sistema de escrita.

Até a década de 1980, ao se alfabetizar as crianças primeiramente aprendiam o sistema de escrita alfabética para só depois ter contato com os diversos gêneros de textos. Conforme as necessidades da época contemporânea, o ensino da leitura e da escrita passou a serem vistas como algo muito além de ensinar a codificação e

decodificação e as diversidades de textos presentes na sociedade devem fazer parte do mundo escolar (SOARES, 2005).

Há a necessidade de reconhecer que a alfabetização e letramento são processos distintos, porém, inseparáveis e dependentes, uma vez que a alfabetização tem significado quando é desenvolvida no ambiente de práticas sociais de leitura e escrita e essas práticas serão desenvolvidas paulatinamente mediante a aquisição do sistema de escrita. (SOARES, 2011).

Ainda de acordo com Soares (2011) para o professor alfabetizar na perspectiva do letramento, deve considerar e articular todos os aspectos do processo de alfabetização. Os mais pertinentes são: o desenvolvimento da Consciência Fonológica, fundamental para que a criança compreenda que o sistema de escrita alfabética é uma representação dos sons da fala e compreenda as relações entre os fonemas e grafemas bem como as convenções da fala para a escrita; a leitura fluente, necessitando o reconhecimento na totalidade das palavras e suas sentenças; a leitura compreensiva, supondo o desenvolvimento de capacidades da criança para interpretar, avaliar e inferir, ampliando seu vocabulário e o reconhecimento e uso próprio dos diferentes papéis da escrita, dos diversos portadores de textos e seus diferentes gêneros.

O aluno tem a oportunidade de conhecer e valorizar diferentes práticas de linguagem e apropriar-se de cada uma delas. Considerar todos esses aspectos e articulá-los é o caminho para se alfabetizar efetivamente (SOARES, 2005).

Conforme Moraes; Albuquerque; Leal (2005) os alfabetizadores entenderem como os alunos se apropriam do sistema de escrita é fundamental para que direcionem seu trabalho, porém, não é o suficiente. Há a necessidade de compreender como os alunos se apropriam da escrita, ou seja, como se dá essa aprendizagem para então trabalhar de forma sistemática e contínua, levando-os à reflexão sobre os princípios da alfabetização.

## 2.2. O que é Consciência Fonológica?

Citado anteriormente o desenvolvimento da Consciência Fonológica, é o primeiro aspecto considerado como fator essencial subsidiando a aprendizagem das

crianças nos anos iniciais.

Segundo Morais (2012) desde muito cedo o ser humano, tem por evidência desenvolver capacidades ou habilidades sobre como trabalhar mentalmente com as palavras e seus segmentos sonoros. Esse conjunto de habilidades não é algo que se tem ou não, mas que varia consideravelmente, de acordo com o que é trabalhado em sala. Pronunciar palavras separando-as em voz alta, juntar partes que se ouve, contar as partes das palavras, comparar o tamanho, identificar semelhanças, analisar os segmentos que podem estar em diferentes posições nas palavras, examinar quanto a extensão de duas palavras, são variáveis que abrem um grande leque de possibilidades.

Para Brasil (2012) esse amplo conjunto de habilidades que consente a reflexão, o julgamento íntimo dos sons que compõem as palavras ao se comunicar, permite ao homem condições de refletir sobre sua extensão sonora, uma ação metacognitiva. Quando um indivíduo analisa conscientemente seu raciocínio sobre a linguagem escrita ou oral, conhece e avalia seu próprio pensamento, conclui-se que ele executa uma atividade metalinguística. Essa reflexão de palavras, partes das mesmas, sentenças, características, finalidades dos textos como também a intencionalidade de comunicação escrita ou falada põe em ação a Consciência Fonológica. Uma criança pode:

“Observar que a palavra janela tem 3 pedaços (sílabas), que a palavra casa tem 2 pedaços e que, portanto, a primeira palavra é maior; identificar, ao lhe mostrarmos 4 figuras ( gato, bode, galho e mola), que as palavras gato e galho são as que começam parecido, porque começam com /ga /; Falar cavalo, quando lhe pedimos que diga uma palavra começada com o mesmo pedaço que aparece no início da palavra casa; identificar que no interior das palavras serpente e camaleão há outras palavras (pente, leão e cama); identificar ao lhe mostrarmos 4 figuras ( chupeta, galinha, panela e varinha), que as palavras galinha e varinha terminam parecido, isto é, rimam; falar palavras como caminhão ou macarrão, quando lhe pedimos que diga uma palavra que rime com feijão; identificar, ao lhe mostrarmos 4 figuras (vestido, martelo, vampiro, coruja), que as palavras vestido e vampiro são as que começam parecido, porque começam com o mesmo sonzinho” ( BRASIL, 2012).

Constata-se que as habilidades de Consciência Fonológica diferenciam-se

quanto ao tipo de operação que o sujeito realiza mentalmente. Isolar, computar, comparar palavras no que se refere à dimensão, analogia entre a sonoridade e outras, bem como o tipo da parte sonora abarcada como as rimas, fonemas e sílabas. Variam também conforme a posição de uma sílaba dentro das palavras, início, meio e fim (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005; SIM-SIM; SILVA; NUNES, 2008; BRASIL, 2012).

Conforme Maciel; Baptista; Monteiro (2009), a Consciência Fonológica diz respeito ao conjunto de habilidades que permite a criança analisar reflexivamente a linguagem oral das palavras. Capacidades essas que serão desenvolvidas durante o processo de aquisição do sistema de escrita. Entretanto, sua ampliação está relacionada com as oportunidades que a criança tem para refletir a respeito da sonoridade das palavras e seu aspecto semântico.

As crianças já chegam à escola com um considerável conhecimento sobre as funções da linguagem oral, o trabalho pedagógico suscita expandir o desenvolvimento cognitivo e cultural de seus alunos. Essas capacidades das crianças serão desenvolvidas no ambiente escolar no momento em que começam a alfabetização formal e se relacionam com o julgamento do sistema fonológico da fala, cuja adquiriram muito antes de ingressarem à escola. As pesquisas que abordam a afinidade entre Consciência Fonológica e o sucesso da alfabetização demonstram a essencial função das aptidões metafonológicas no artifício da aprendizagem de leitura e escrita dentro de um sistema alfabético. Entretanto, essas aptidões não se desenvolvem previamente, mas sim simultaneamente (MACIEL; BAPTISTA; MONTEIRO 2009).

Para Ferreira (2013) o termo Consciência Fonológica foi apresentado como a capacidade de se identificar a composição sonora das palavras. Nos últimos trinta anos foram publicadas pesquisas que abordaram tarefas que permitem identificar o comparecimento de um som ao emitir uma palavra, comparação de um conjunto de palavras, tanto no início como no fim, localizar rimas e segmentar as unidades fonêmicas das palavras.

Os trabalhos realizados foram em sua maioria na fala inglesa, com o passar dos tempos estenderam-se para outros idiomas. Essas pesquisas foram feitas com ênfase à Consciência Fonológica para a aquisição da leitura, todavia, existem controversas de que o desempenho fonológico depende que, o aprendiz aprenda a ler por meio do sistema alfabético, pois tanto crianças como adultos que ainda não



foram alfabetizados, conseguem segmentar palavras em sílabas (MORAIS, 2012; FERREIRO, 2013).

Ferreiro (2013) aponta que a necessidade do conhecimento prévio dos fonemas nas produções orais para reconhecê-los, não se faz necessária e que a Consciência Fonológica não é um pré-requisito para a alfabetização ou consequência da aprendizagem da leitura. Porém com estudos atuais, o trabalho com a oralidade é indispensável, prática que nos métodos tradicionais não se enfatizava, o trabalho se dava apenas para as práticas de escrita.

Tais discussões relacionam-se com o planejamento diário das atividades de acordo com os níveis conceituais de escrita. Ferreiro (2013): pré-silábico (período sem fonetização), silábico sem valor sonoro convencional, silábico com valor sonoro convencional, silábico-alfabético e nível alfabético (período de fonetização da escrita).

É importante frisar, que as crianças apresentam diferentes níveis de conquista nas distintas tarefas, pois levantam diferentes níveis de habilidades de segmentação e dispõem de conhecimentos diferentes. Embora o desenvolvimento da Consciência Fonológica aconteça aos quatro ou cinco anos de idade ou até antes, é preciso que, ao ingresso nos primeiros anos do ensino fundamental as crianças além de identificar os fonemas, possam manipulá-los (SOLE, 1998; ZORZI, 2003; SIM-SIM; SILVA, NUNES, 2008).

Para esse desenvolvimento faz-se necessário desenvolver atividades que explorem a composição e decomposição de palavras, poderem compará-las quanto a sua extensão e reconhecer a presença das sílabas e letras que as compõe. Trabalhar a análise fonológica das palavras não é simplesmente extrair palavras de um texto e estudar suas famílias silábicas, pois isso seria o reducionismo aos métodos tradicionais (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005; FERREIRO, 2013).

Brasil (2012) explica que os aprendizes que passavam por treinamentos, pronunciando fonemas isoladamente e praticando exercícios de como grafar cada letra do alfabeto, estariam garantindo o sucesso na inserção do sistema de escrita. Mas por exemplo, trabalhar características linguísticas de gêneros textuais, tais como: poemas, parlendas, quadrinhas e cantigas e saber a real função de cada um deles, não sendo somente uma brincadeira divertida e sim um instrumento auxiliador no ensino, pois esses geralmente são compostos por rimas que facilitam a memorização sem deixar de ser uma tarefa contextualizada.

Não raro, saber da influência ao trabalhar com as crianças que estão em plena descoberta: parlendas, quadrinhas, trava línguas, paródias musicais, entre outras da tradição cultural. Brincadeiras orais tão antigas, que foi dada a importância e passaram a ser estudadas apenas em 1970 a partir da democratização do ensino (BRASIL, 2012).

Para Solé (1998) o termo Consciência Fonológica surge primeiramente na instância provocada pela língua falada e para algumas de suas características, como a rima que leva a criança a explorar semelhanças e diferenças entre as palavras e os fragmentos das mesmas. Com a assistência do adulto, é possível situar-se quanto à diferença entre o começo e o final, a rima, a aliteração e a assonância fazendo uma conexão entre os diferentes fonemas. Nessa concepção, a possibilidade de a criança absorver e dedicar-se a segmentação dos fonemas que aparecem nas diferentes palavras ocorre com maior sucesso.

A capacidade de aprendizagem é nata, no entanto, não significa que o aluno aprenderá sozinho. Nem mesmo o termo “descobrir” é correto, porque esse é algo que precisa ser ensinado, mostrar os caminhos adequados às crianças. É nítido que um aluno que apresenta aptidões, tais como, lateralidade espacial, discriminação visual e auditiva, coordenação viso-motora, enfim, toda a condição favorável a ele se apropriará da leitura e escrita com muito mais facilidade. Porém, tudo isso é insuficiente (FERREIRO 1984; SOLÉ, 1998; SOARES, 2005; MORAIS, 2012).

É importante que o professor considere o tempo individual de aprendizagem das crianças, para que essas avancem sem rompimentos, pois as mesmas chegam à escola com diferentes experiências sociais e culturais. No entanto, respeitar o tempo da criança é diferente de esperar por esse tempo. Saber distinguir que, aquele que vem de um ambiente rodeado de livros e leitores, naturalmente terá mais facilidade do que aquele que em casa, tem apenas o contato com as embalagens comerciais. Logo, também é importante que a escola defina o que será trabalhado nos três primeiros anos iniciais, destinados à alfabetização (BRASIL, 2012).

De acordo com Morais (2012) a escrita é um sistema notacional e não um código, seu aprendizado é um processo cognitivo que envolve um conjunto de outros fatores, no qual as habilidades perceptivas e motoras não têm uma carga principal. Nesse papel, surge a importância de recriar novas metodologias de alfabetização a fim de garantir um ensino com atividades reflexivas que desafiem o aluno a compreender o funcionamento da escrita alfabética e então dominar suas

convenções grafo-fonêmicas bem como conhecer todas as 26 letras do alfabeto e saber que com elas é possível escrever qualquer palavra e compreender as correspondências entre os sons da fala e o que elas representam graficamente.

Para Solé (1998) a aprendizagem da leitura e escrita é complexa e polêmica, essa exige mais do que habilidades de escrever a linguagem falada. Para o aprendiz ler com autonomia, demanda exercício atuante da fala, da consciência metalinguística, ou seja, ser capaz de refletir e manipular a linguagem. Promover a autonomia da criança quanto à leitura é interessar-se ao entendimento da função das habilidades de decodificação.

Ainda que não dominem a leitura, mas solicitam a ajuda de um adulto para compreendê-la e este o faz, fornece recursos para sua autonomia. Ao fazer a leitura de um texto, a ação torna-se uma finalidade. Solé (1998) afirma ainda que todo texto contém muitas características e é constituído por um sistema de símbolos e código, ao acessá-lo, é necessário que o leitor tenha acessibilidade ao código bem como a necessidade que se conheça esse código e quem lhe transmite essa mensagem. Isso não pode ser entendido apenas que ler é decodificar, e sim mais do que isso, inferir o que foi lido.

Segundo Zorzi (2003) a aprendizagem do sistema de escrita alfabética está intimamente ligada ao fato de que as letras não possuem sempre os significados. A compreensão dos segmentos sonoros faz referência ao conhecimento de fonema. No entanto, embora as crianças tenham propriedade fonológica a respeito da oralidade, representá-los graficamente exigem diferentes graus de conhecimento fonológico. Essa diferença denomina-se Consciência Fonológica, demanda de capacidade de o indivíduo refletir a respeito das peculiaridades, composições, orais e manipulá-las.

Ainda de acordo com Zorzi (2003) a Consciência Fonológica não pode ser interpretada apenas como uma habilidade, pois se verifica que há diferentes níveis que exigem graus mais complexos.

A consciência silábica, constituída na capacidade de segmentar as palavras em sílabas. São as tarefas de identificar e contar as sílabas bem como localizar sua posição na extensão das palavras. Perceber as rimas e aliterações em que a rima representa a correlação fonêmica entre as palavras a partir das vogais das sílabas tônicas e as aliterações apresentam repetição de fonemas ou de sílabas em palavras de um mesmo verso. Crianças em idade pré-escolar geralmente têm

facilidade em detectá-las, porém, detectar um fonema isoladamente e pronunciá-lo é uma tarefa que exige mais esforço. (SIM-SIM; SILVA; NUNES, 2008).

Para Brasil (2012) a alfabetização é formada por três eixos: manifestação de hipóteses sobre a escrita; reflexão sobre a similaridade entre a fala e a escrita e uso da Consciência Fonológica. A última desenvolve-se nas crianças a partir do contato com a linguagem falada de seu ambiente cultural. A relação com diversas formas de esclarecimento oral permite o desenvolvimento da habilidade metalinguística no momento em que a criança participa das diferentes formas linguísticas, como as músicas, cantigas de roda, poesias, parlendas, jogos orais, enfim, tudo que envolve a fala, e conseqüentemente o processamento auditivo.

### 2.2.1 Trabalho com Gêneros Oraís: Práticas de Oralidade

A capacidade de expressar-se em diferentes situações envolve o saber da linguagem adequada para cada situação. Necessariamente, comportar-se de acordo com o local e as normas de convivência (BRASIL, 2012).

Tais condições de dialogar podem e devem ser levadas à sala de aula, permitindo que as crianças reflitam sobre as variedades linguísticas, as semelhanças e as finalidades das formas comunicativas. Assim como todo trabalho pedagógico, executar atividades de oralidade é necessário planejamento. O docente deve levar em conta os empregos das formas de oralidade presentes na sociedade, fornecendo atividades e sistematizando os gêneros orais, como apresentação de trabalhos realizados pela classe, realizar entrevistas, histórias contadas pelos alunos e outras (MORAIS; ALBUQUERQUE, LEAL, 2005; BRASIL, 2012).

O ensino da leitura e da escrita na perspectiva do letramento é compreender também, que as crianças adquirem capacidades além da escuta atenta e opinar sobre algo, elas têm de desenvolver capacidades de argumentação, narração e explicação. Nesse conceito, entende-se a responsabilidade da escola como instituição social e sistematizadora de conhecimentos (BRASIL, 2012).

A oralidade inclui a ampliação de exercícios com os usos autênticos da língua, proporcionando o comando da norma linguística e de influência social, o que não significa censurar as diversidades dos alunos, considerando que a língua oral é

composta por diferentes formas e sotaques, variando conforme o contexto social, classe econômica e cultural (SOARES, 2005; 2011).

De acordo com Brasil (2012) ao comunicarem-se através da linguagem oral, as pessoas, em via de regra, focalizam no assunto do qual estão conversando e não nos sons que emitem. Em determinadas ocasiões, destacam uma determinada palavra ou frase, segmentando-a, ressaltando sua necessidade comunicativa. Portanto, desenvolver a autonomia na escrita e na leitura, torna-se indispensável. Desenvolver no aprendiz, a capacidade de agir conscientemente sobre as unidades sonoras, entender a complexidade dos fonemas assim como a forma de representá-los por escrito.

A oralidade está diretamente ligada à escrita, portanto promover habilidades orais nos educandos e saber como essas a adquire promovem também a linguagem escrita. Se o principal objetivo da escola é desenvolver práticas e domínio da leitura e escrita, então necessita primeiramente estimar e estimular as práticas de oralidade e conseqüentemente, a autonomia da criança (MENDONÇA, 2011).

Segundo o PCN de Língua Portuguesa (1997, p.49):

“Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas”.

De acordo com Sim-Sim; Silva; Nunes (2008) logo na educação infantil é natural e produtivo o educador desenvolver atividades com as crianças como recitar poemas, pronunciar parlendas, cantigas de roda, quadrinhas e outras que são de fácil memorização e lúdicas. Esse trabalho é de grande valor quando se estende no período de alfabetização. O que essas atividades têm em comum é a exploração de rimas que podem ser grandes aliadas dos alunos para refletir sobre o sistema de escrita alfabética. Por meio dessas podem-se criar outros tipos de texto de forma significativa.

É importante que o professor saiba que a aquisição da Consciência

Fonológica não é matéria única e satisfatória para que a aprendiz se alfabetize, porém é necessária. Seu desenvolvimento ocorre conforme as oportunidades que as crianças têm para refletir sobre as composições orais e escritas das palavras em suas dimensões sonoras (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005).

Tendo em vista, as oportunidades precisam ser por meio da ludicidade, circunstâncias nas quais as crianças pensam sobre a segmentação sonora, participando de jogos de palavras e explorando os textos de tradição cultural. As adivinhas que são perguntas com pistas para que se descubra a resposta. Algumas vêm em forma de versos rimados, cantigas e até mesmo de desenhos. Há vários exemplos de charadas, desde aquelas que são perguntas mais simples como as brincadeiras com palavras até charadas matemáticas e enigmas que exigem conhecimento e raciocínio mais complexos. Servem para divertir e provocar curiosidade. São textos curtos, geralmente encontrados na forma de perguntas: O que é o que é? Quem sou eu? Qual é? Como? Qual a diferença. As parlendas que são conjuntos de palavras arranjadas e rítmicas em forma de verso, que podem ter rimas ou não. Em geral envolvem uma brincadeira, jogo, ou movimento corporal. São versos infantis com rimas, criados com as mais diferentes finalidades: divertir, acalmar, memorizar palavras e números, escolher quem inicia uma brincadeira. As Cantigas, que são textos que servem para brincar e se divertir.

Frequentemente se encontram associadas a movimentos corporais em brincadeiras infantis, favorecem o desenvolvimento oral e contribuem à aprendizagem de conteúdos matemáticos, da natureza e da cultura. As Trava-línguas que são de origem popular. Brincam com o som, a forma gráfica e o significado das palavras. A sonoridade, a cadência e o ritmo dessas composições fascinam o público adulto e infantil. Recitá-los sem tropeços na pronúncia é o desafio. As quadrinhas entre outras que culminam uma série de rimas, em que há a identidade entre os traços fônicos no final das palavras, aliteraões que é a propagação de um fonema numa palavra ou frases e repetições que causam efeitos sonoros ligados ao evento de as crianças trazerem na memória, propiciam a exploração de práticas de oralidade seguidas por momentos de escrita (FERREIRO, 2003).

O trabalho com a lista de chamada, utilizando os próprios nomes das crianças, algo que já é familiar para todos, também pode ser um grande aliado, pois os desafia a pensar nas semelhanças que as palavras têm e suas rimas. Sugerida

esta atividade, é pertinente criar um poema com os nomes dos alunos da sala. Conforme as crianças ganham mais autonomia, aumenta-se o desafio (TEBEROSKY, 2002; VALLE, 2011; BRASIL, 2012;).

Usar essas estratégias é combinar a ludicidade com o aprendizado. Trabalhando com textos da tradição cultural, o professor está simultaneamente explorando um gênero textual permitindo que o aluno reflita sobre o sistema alfabético, identificando rimas, comparando palavras e formando outras. Realizar atividades desafiadoras faz com que as crianças reflitam fonologicamente sobre as palavras, mas é necessário também, apresentar a forma escrita dessas palavras. Assim é possível perceber a sistematização da oralidade. Aos poucos, os alunos vão percebendo que o sistema de escrita é formado por um conjunto de letras, sílabas e fonemas que se repetem em diferentes palavras ou frases (BRASIL, 2012).

### 2.3. O Lúdico na Construção do Sistema de Escrita Alfabética

De acordo com Brasil (2012) a palavra lúdico vem do latim *ludus* e sua originalidade vincula-se à brincadeira, ao ato de jogar e se divertir. Refere-se à alegria, ao prazer e ao entusiasmo.

Com o passar dos anos, foi aumentando o interesse pelo estudo mostrando que a ludicidade é algo inerente ao desenvolvimento humano. O aluno tem a liberdade de expressar-se por meio de atividades que lhe permite recriar sentimentos e experiências e que descubra novos caminhos para interpretar e representar um fato conforme se faz necessário (CORSINO, 2006).

Os jogos e brincadeiras oferecem às crianças, grandes vantagens físicas, cognitivas e sociais. Do ponto de vista cognitivo, as brincadeiras auxiliam na perda de timidez, estimulam a capacidade intelectual e ampliam as capacidades de imaginação, perceptivas e de memória. Socialmente, porque reproduz uma vivência real que ainda não viveu efetivamente, adquirem práticas de compartilhamento e normas de convivência. No ponto de vista físico, habilidades motoras e de expressão corporal (BRASIL, 2012).

De acordo com Leal et al (2009) entende-se que os jogos, além de estar inserido na vida social e cultural das pessoas, é um meio pelo qual tanto o público

adulto como o infantil imergem-se em um mundo imaginário seguido por normas que a própria sociedade constitui.

No que tange os jogos e brincadeiras, as palavras são instrumentos de diversão, expressão de sentimentos e vontades, para argumentar ou para dar ordem, para transmitir informação, ensinar e aprender, para comunicar-se com o outro ou para meditação (CORSINO, 2006).

A escolha própria dos jogos e brincadeiras são grandes aliados para o professor alfabetizador. Em momentos de ludicidade, as crianças têm oportunidades de sistematizar aprendizagens e se apropriarem de novas, praticando a reflexão do sistema de escrita alfabética. Por outro lado, é preciso criar situações para que os alunos sistematizem os conhecimentos que não somente os jogos. Portanto, o trabalho pedagógico é essencial e o professor continua sendo o mediador, selecionando recursos didáticos em função dos objetivos a serem alcançados.

Como citado anteriormente, Morais (2012) afirma que a Consciência Fonológica é um vasto conjunto de habilidades que permite ao sujeito pensar fonologicamente a respeito do funcionamento das palavras e certas peculiaridades, em vez de restringir atividades de treinamentos, alguns jogos de alfabetização são apresentados com o objetivo de oferecer aos alunos oportunidades por meio da ludicidade ao mesmo tempo reflexivo, atuando como sujeitos da linguagem.



Figura: 1 Jogos de Análise Fonológica  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação



Leal et al (2009) apresenta alguns jogos como o Bingo dos Sons Iniciais: composto por dois a quinze jogadores. Pode ser jogado em duplas ou individualmente com o objetivo de que as crianças compreendam que as palavras são compostas por unidades sonoras e podem ser pronunciadas separadamente; possam comparar palavras quanto à suas semelhanças de sons, percebam que palavras distintas possuem partes sonoras iguais, identifiquem a sílaba como unidade fonológica e desenvolvam a Consciência Fonológica por intermédio da exploração dos sons iniciais das palavras. Assim como os demais jogos, o professor deve ler as regras em voz alta e explicitar exatamente como o mesmo funciona, caso surja dúvidas durante o jogo, esclarecê-las. Esse processo faz com que as crianças se beneficiem com este gênero textual. O jogo é composto por quinze cartelas com seis figuras cada cartela e as palavras escritas correspondentes às figuras; trinta fichas com palavras escritas; um saco para guardar as fichas de palavras. Regras: cada jogador ou dupla de jogadores recebe uma cartela; o professor sorteia uma ficha e lê a palavra em voz alta; o jogador que tiver em sua cartela, uma figura cujo nome comece com a sílaba da palavra sorteada, deverá marcá-la. O jogo termina quando o jogador ou a dupla marcar todas as palavras da cartela.



Figura: 2 Jogo Bingo dos Sons Iniciais  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação

Outro exemplo de atividade é o Caça Rimas: conforme explica Leal et al (2009) permite que os alunos compreendam que as palavras são compostas por

unidades sonoras; percebam que as palavras diferentes possam ter partes sonoras iguais no final; desenvolvam a Consciência Fonológica por meio da exploração de rimas; possam comparar palavras quanto às afinidades sonoras. Esta atividade pode ser trabalhada individualmente ou em duplas e é indicada para alunos que necessitam perceber que a palavra é formada de significado e seguimento sonoro e que, portanto, precisa refletir sobre as características dos sons, desenvolvendo então, a reflexão fonológica. Formado por quatro jogadores, individuais ou duplas, composto de quatro cartelas iguais; vinte figuras diferentes cujos nomes apresentam parte sonora igual das palavras da cartela. Regras: cada jogador recebe uma cartela; as vinte fichas de figuras são distribuídas igualmente entre os jogadores; o professor dá o sinal inicial do jogo e cada integrante deve achar o mais rápido possível, na sua cartela, as figuras cujas palavras rimam com as das fichas que estão em suas mãos. Cada ficha deverá ser posta em cima da figura adequada na cartela. Finaliza o jogo quando o primeiro jogador localizar o par de todas as fichas que recebeu, ele deve avisar aos demais para que possam contar quantas fichas colocaram adequadamente.



Figura: 3 Jogo Caça Rimas  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação

Simultaneamente, a criança desenvolve práticas de oralidade, percebe que palavras diferentes podem ter rimas iguais e em diferentes posições. É importante que o professor questione seus alunos quanto à ordem das letras para a formação de sílabas para que o mesmo perceba que, ao fazer trocas, o som se modifica. Após

essa atividade, é interessante que se realize outra, resgatando as palavras trabalhadas anteriormente.

O Dado Sonoro: este permite também que os alunos percebam que as palavras são compostas por unidades sonoras; que palavras distintas podem ter sonorizações idênticas; identifiquem a sílaba como unidade fonológica; identifiquem a sílaba como unidade das palavras orais; comparem palavras quanto às semelhanças sonoras; desenvolvam a Consciência Fonológica por intermédio da exploração dos sons iniciais das palavras e possam fazer comparações quanto à sonoridade das palavras.



Figura: 4 Jogo Dado Sonoro  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação

Esse jogo contribui para que o aprendiz observe que diferentes palavras podem ter segmentos sonoros iguais. Tal descobrimento é imprescindível que o aluno saiba que a escrita é o resultado da segmentação sonora. Formado por dois a quatro jogadores; composto por um dado de oito lados; uma cartela com oito figuras de animais numeradas; vinte e quatro fichas com figuras e seus respectivos nomes (para cada figura da cartela, há três fichas de figuras/ palavras, que se iniciam com a mesma sílaba das figuras/ palavras expostas na cartela). Regras: a cartela com as figuras numeradas deve estar à disposição de todos os participantes do jogo; espalham-se as fichas sobre a mesa com as faces voltadas para cima; sorteia-se o iniciante do jogo; o primeiro a jogar deve lançar o dado verificando qual é a figura na

cartela que corresponde ao número sorteado; o jogador precisará indicar uma figura cujo nome comece com a mesma sílaba indicada na cartela; após escolher a ficha, o jogador permanece com ela. O próximo integrante realiza o mesmo procedimento; o jogador pontua a cada ficha encontrada. Se escolher a ficha errada e os demais integrantes perceberem, devem apontar o erro e passa-se a vez; se outro jogador lançar o dado e o número deste for indicativo a uma figura para a qual não há mais fichas passa-se a vez ao jogador seguinte; só poderá pegar uma ficha por vez; vence o jogo quem conseguir maior quantidade de fichas.

A Trinca Mágica é um exemplo de jogo que, de acordo com Leal et al (2009) permite um trabalho bastante significativo com os educandos uma vez que promove a reflexão sonora das palavras e são estimulados a pensar sobre a forma escrita. Possibilita aos alunos, a observação de que palavras que terminam com o mesmo som, são representadas pelas mesmas letras. É formado por quatro jogadores; composto de vinte e quatro cartas (oito trinca de cartas contendo figuras de palavras que rimam). Regras: cada jogador recebe três cartas e o restante fica num acervo no centro da mesa com a face voltada para baixo; sorteia-se quem será o primeiro a iniciar o jogo; o iniciante pega uma carta e descarta outra; o jogador da sequência determina se pega a carta do acervo ou a carta deixada pelo jogador antecedente. Caso o jogador pegue a carta deixada pelo participante que descartou a mesma, só poderá pegar a última carta deixada pelo jogador antecedente; vence o jogo quem formar uma trinca de cartas de figuras cujas palavras rimam.



Figura: 5 Jogo Trinca Mágica  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação

A Batalha de Palavras: é um jogo adequado para crianças em processo inicial de alfabetização, levando-os a refletir e compreender que o sistema de escrita é composto por regularidades e que para escrever é necessário focar atenção em cada unidade, estabelecendo as relações grafofonêmicas. Formado por dois jogadores ou duplas. Composto de trinta fichas com figuras cujos nomes variam quanto ao número de sílabas. Regras: a distribuição das fichas deve ser feita igualmente entre os jogadores e reservadas de modo que o adversário não as veja, deixando apenas uma com a face à mostra; as fichas devem ser mostradas uma de cada vez e simultaneamente, o jogador que mostrar a ficha cujo nome obtém mais sílabas, ganha a ficha do adversário. Caso as fichas obtenham a mesma quantidade de sílabas, segue o jogo até que haja uma diferença quanto ao número de sílabas, o jogador que virou a carta cuja palavra seja maior, leva as demais cartas do adversário mostradas anteriormente na jogada; vence o jogo quem tiver o maior número de fichas ao final do jogo.



Figura: 6 Jogo Batalha de Palavras  
Fonte: PNAIC Ministério da Educação

A teoria de Leal et al (2009) afirma que os cinco jogos propostos são de análise fonológica com o objetivo de que os alunos compreendam que para a escrita, é necessário refletir sobre os sons das palavras e não apenas a respeito de seus significados. Compreendam que as palavras são formadas por unidades menores de sonorização. Por intermédio da exploração dos sons iniciais das

palavras (aliteração) ou finais (rimas) desenvolvam a Consciência Fonológica. Possam fazer comparações quanto às semelhanças e diferenças de sons. Percebam que palavras distintas têm partes sonoras idênticas, isto é, as sílabas se repetem. Reconheçam a sílaba como unidade fonológica. Pronunciem palavras separando-as em sílabas e comparem palavras referentes ao tamanho a partir da apuração do número de sílabas e não de seus significados.

Trabalhar os jogos de análise fonológica bem como as brincadeiras de tradição cultural são bastante contemplados pelas crianças, justamente pela maneira lúdica de apresentarem-se. A relação entre o trabalho e o desenvolvimento de tais habilidades permite o sucesso na aprendizagem da leitura e escrita. Logo, as práticas desenvolvidas no contexto escolar devem sempre considerar os níveis escolares (SIM-SIM; SILVA; NUNES, 2008).

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão de literatura apresentando estudos relevantes sobre o tema, fundamentando-se na busca existente de conhecimentos dos autores que tratam deste assunto relacionando-os com a problemática e com o intuito de compreender o tema e seus conceitos. Tendo como base leituras de livros, artigos acadêmicos e documentos do Ministério da Educação, buscando identificar, analisar e apropriar-se dos componentes necessários no que tange as habilidades de Consciência Fonológica como contribuinte no processo de aquisição do sistema de escrita alfabética.

A busca de informações foi realizada entre fevereiro de 2014 a novembro de 2014, com informações obtidas de interpretações e análise constante do assunto.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as obras dos autores citados nesta pesquisa, pode-se considerar que a abordagem e o trabalho efetivo do professor envolvendo atividades pertinentes ao desenvolvimento da Consciência Fonológica, refletem na aprendizagem das crianças em fase inicial de alfabetização, de maneira em que se torna possível a observação das teorias e a atuação docente em sala de aula.

Tradicionalmente pensava-se que a aprendizagem da leitura e escrita era pautada no ato de ler escrever. Ainda, de um modo amplo, muitos concebem como tal. É importante que se faça uma reflexão a respeito de que se considera alfabetização, ressaltando que o fato de escolher ensinar por meio de métodos, procede à ocorrência de sistematização de sons e grafias. Essa sistematização de nada adianta se prevalecer a ideia, apenas de decodificação (VALLE, 2011).

A alfabetização é um processo complexo e que envolve diversos fatores, perspectivas e diferentes áreas de conhecimento. Portanto não é intuito apontar um determinado erro ou atribuir uma concepção específica. Entretanto, posteriormente esse conceito deve ser articulado ao termo letramento uma vez que aprendida a língua materna, seja oral ou escrita, esse processo é contínuo (SOARES, 2005; 2011).

Pode-se constatar que as crianças fazem uso da linguagem oral desde a mais tenra idade e a mesma vai se aprimorando conforme a praticam. Essa capacidade de comunicar-se oralmente forma um conjunto de conhecimentos que os pequenos passarão a aplicar quando iniciam o processo de aprendizagem de leitura e escrita (BRASIL, 2012).

Por meio dessa pesquisa pretende-se contribuir para os profissionais de alfabetização que o trabalho envolvendo a Consciência Fonológica é um grande aliado embora não o suficiente como explica Morais; Albuquerque, Leal (2005) que seria uma ideia errônea confundi-la com os métodos tradicionais de alfabetização em que se trata da memorização de palavras, mas sim sistematizar algo que realmente faz sentido e salientando que a interferência do professor faz a diferença tendo em vista que o aprendizado da leitura e escrita na escola deve ser permeado



por práticas exteriores do ambiente escolar (BRASIL, 2012).

Acredita-se que o trabalho do professor alfabetizador precisa caminhar de modo a compreender que as diversas formas de discurso tanto oral como escrito é nova para as crianças que estão em fase inicial de alfabetização. Contudo necessitam de domínio e práticas adequadas aos diversos contextos em que se inserem. Necessita também o professor ser capaz de compreender que para o aprendiz se tornar alfabetizado, deve aprender a relacionar fonemas e grafemas (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005).

Como a fase inicial da aprendizagem da alfabetização não é tarefa fácil, seria inviável discutir se deve ocorrer logo nos anos finais da educação infantil ou adiá-la para os anos iniciais do ensino fundamental. O fato, é que o nível de compreensão da criança aumenta significativamente quando ela começa a refletir e perceber que as palavras não representam seus significados, mas sim as propriedades sonoras e que essas propriedades variam conforme a estrutura das palavras (SOLÉ, 1998).

Demonstrando que a Consciência Fonológica cumpre um papel fundamental quanto ao desenvolvimento da oralidade, destaca-se que crianças que têm maior domínio em tarefas de segmentação silábicas e fonêmicas, apresentam maior sucesso no processo formal para a produção de leitura e escrita (SIM-SIM; SILVA; NUNES, 2008).

Embora a pesquisa enfatize a contribuição do desenvolvimento da Consciência Fonológica para crianças em fase de alfabetização, é importante ressaltar que sua evolução não depende de fatores biológicos, como elemento do desenvolvimento físico, mas sim de oportunidades de reflexão. Brasil (2012). Portanto como salienta Maciel; Baptista; Monteiro (2009) a escola cumpre um importante papel referente o processo de alfabetização formal. Logo, pode-se dizer que essa habilidade desenvolve-se simultaneamente.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as discussões sobre o Sistema de Escrita Alfabética e trazendo a reflexão sobre como crianças a adquirem, verifica-se que há uma estreita relação entre Consciência Fonológica e alfabetização, portanto, o desenvolvimento de tais habilidades contribui de forma significativa no processo de alfabetização. Ressaltando a importância de se propor um trabalho dentro do contexto educativo e considerando as experiências linguísticas que as mesmas possuem.

Sabe-se que quando as crianças iniciam os anos iniciais do ensino fundamental, trazem certo domínio sobre a língua falada, sabem que a finalidade é a de comunicação, e geralmente, conhecem um adequado repertório de palavras. Sabe-se também, que aspectos psicológicos, culturais e socioeconômicos influenciam no processo de aquisição do sistema de escrita alfabética. Infelizmente muitas crianças somente terão a oportunidade de vivenciar suas experiências na própria escola, cabendo a mesma oportunizar essas descobertas.

É necessário compreender, a partir das pesquisas bibliográficas, que as habilidades desenvolvidas, dependem não de fatores biológicos, mas de meios que oportunizem a reflexão consciente a respeito dos sons da fala. O saber docente frente à realidade educacional permite as conexões entre os conhecimentos e a prática.

Com essa pesquisa, foi possível obter resultados satisfatórios do quanto o desenvolvimento das habilidades de Consciência Fonológica contribui para o processo inicial de aquisição do sistema de escrita alfabética. Considera-se, portanto, que a prática do professor alfabetizador precisa estar inserida na perspectiva do letramento. Logo, destaca-se a necessidade de a criança compreender a função da leitura e escrita na sociedade. E para o docente desenvolver seu trabalho efetivamente, necessitam de conhecimento teórico, metodologias, compromisso e responsabilidade.

## 6. REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Pró Letramento: Alfabetização e Linguagem**. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **PNAIC: Currículo na alfabetização: concepção e princípios: ano 1**: unidade 1/ Brasília: Mec/Seb, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **PNAIC: planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa**: ano 1: unidade 2/Brasília: Mec/Seb, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **PNAIC: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética**: ano 1: unidade 3/ Brasília: Mec/Seb, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORSINO, P. Linguagem na Educação Infantil: As Brincadeiras com as Palavras e as Palavras como Brincadeiras. In: **O cotidiano na Educação Infantil**. MEC, Secretaria de Educação a Distância. Boletim 23. Novembro 2006, p. 28 a 45.

FERREIRO, E. Desenvolvimento da escrita e consciência fonológica: uma variável ignorada na pesquisa sobre consciência fonológica. In:\_\_\_\_\_ **O Ingresso na Escrita e nas Culturas do Escrito**: São Paulo: Ed. Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_. **Escrita e oralidade: unidades, níveis de análise e consciência metalinguística**. In:\_\_\_\_\_ FERREIRO, E. (Org.). Relações de (in) dependência entre oralidade e escrita. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1984.

LEAL, T. F. (Org.) **Jogos de alfabetização**. Ed. Universitária Pernambuco., 2008.

MACIEL, F. I. P.; BAPTISTA, M. C.; MONTEIRO, S. M. (Orgs.). Dimensões da proposta pedagógica para o ensino da linguagem escrita em classes de crianças de seis anos. In: **A criança de seis anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**. Belo Horizonte. 1ª ed. Brasília. 2009, p. 28 a 63.

MENDONÇA, O. S. A norma culta e a oralidade em sala de aula. In: **Caderno de formação: formação de professores. Didática dos conteúdos/ Universidade**

**Estadual Paulista.** Pró-reitora de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo. v. 2- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 131 a 137.

\_\_\_\_\_. Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização. In: **Caderno de Formação: Formação de Professores didática dos conteúdos/ Universidade Estadual Paulista.** Pró- Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo v. 2- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 23 a 35.

MORAIS, A.G.; ALBUQUERQUE, E.B.C.; LEAL, T.F. (Orgs.) **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. **Sistema de escrita alfabética:** como eu ensino: São Paulo Ed. Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, M. R. L. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil.** Conferência proferida durante o Seminário “Alfabetização e letramento em debate”, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

SIM-SIM, I; SILVA, A. C; NUNES C. **Linguagem e comunicação no jardim de infância: textos de apoio para educadores de infância.** Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. 2008.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e Letramento: Caminhos e Descaminhos. In: **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos/ Universidade Estadual Paulista. Pró- Reitoria de Graduação;** Universidade Virtual do Estado de São Paulo. Cultura Acadêmica, v. 2.,2011, p. 96 a 100.

SOLÉ, I. O Ensino da Leitura. In: **Estratégias de Leitura.** 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita.** 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VALLE. L. de L. D. Metodologia da Alfabetização. Curitiba. 2ª ed. Ver., atual e ampl.lbpex, 2011.

ZORZI. J.L. As Fases de Construção do Letramento Infantil e o Desenvolvimento da Consciência Fonológica. In:\_\_\_\_\_ **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita Questões clínicas e educacionais.** Porto Alegre. Ed. Artmed, 2003

## 7. APÊNDICE

Jogos de Alfabetização: Material Pnaic Ministério da Educação



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura- 4



Figura 5



Figura 6